



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAQUEL DA SILVA CALÁCIO MEDEIROS

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE:
reflexões necessárias à prática da alfabetização na Educação infantil
e nos anos iniciais do Ensino fundamental**

**CODÓ
2020**

RAQUEL DA SILVA CALÁCIO MEDEIROS

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE:
reflexões necessárias à prática da alfabetização na Educação infantil
e nos anos iniciais do Ensino fundamental**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, sob a orientação do Prof. Dr. Aziel Alves Arruda.

**CODÓ
2020**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

MEDEIROS, Raquel da Silva Calacio.

ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE:
reflexões necessárias à prática da alfabetização na
Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino
fundamental / Raquel da Silva Calacio MEDEIROS. - 2020.
43 p.

Orientador(a): Aziel Alves de ARRUDA.
Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Codó, 2020.

1. Alfabetização/letramento. 2. Formação docente. 3.
Leitura e escrita. I. ARRUDA, Aziel Alves de. II. Título.

RAQUEL DA SILVA CALÁCIO MEDEIROS

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE:
reflexões necessárias à prática da alfabetização na Educação infantil
e nos anos iniciais do Ensino fundamental**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, sob a orientação do Prof. Dr. Aziel Alves Arruda.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aziel Alves Arruda (Orientador)

2º Examinador

3º Examinador

À minha família pelo apoio e compreensão oferecidos de modo tão espontâneo durante a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Deus que esteve comigo em todos os momentos dessa trajetória.

Ao meu amor e companheiro Fabio pela força, dedicação e paciência que teve comigo em cada momento difícil que passei durante o curso (e olha que não foram poucos) meu muito obrigado! sem você ao meu lado teria sido mais difícil. Aos meus dois filhos, Anthony e Rafael, meus tesouros, mamãe ama muito vocês. Aos meus pais, Malaquias e Nazi. Aos meus irmãos e irmãs, vocês fazem parte desta conquista. Em especial à minha irmã Lucineide que, nos momentos difíceis, sempre teve uma palavra de ânimo. Amiga e conselheira obrigada pelo apoio!

Às minhas amigas de curso que não poderiam faltar, em especial, Fabiana, Geane, Karen e Érica Queiroz, meninas vocês são 10!!! e demais colegas que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Aziel Alves Arruda. Graças a sua parceria pude vivenciar minhas próprias etapas de leitura e escrita durante o processo de pesquisa acadêmica.

Aos professores da Universidade Federal do Maranhão – Campus Codó, que contribuíram para minha formação acadêmica.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode
usar para mudar o mundo” (Nelson Mandela).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a alfabetização a partir da perspectiva da formação docente com reflexões necessárias à prática da alfabetização na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental. Quanto aos objetivos específicos, por sua vez, foram observadas as seguintes propostas: identificar algumas concepções atuais importantes sobre alfabetização e letramento, mencionar a formação inicial de docentes para a alfabetização de crianças na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental e, relacionar a formação do professor alfabetizador com os desafios da sala de aula na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental, trazendo reflexões necessárias à alfabetização para estes níveis da educação básica. O procedimento metodológico utilizado para obtenção das informações deste estudo foi de pesquisa bibliográfica realizada a partir de material já publicado como livros, revistas e artigos científicos. Esta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, tendo em vista a necessidade de análise e interpretação dos dados obtidos mediante leitura exploratória. Como resultado deste estudo, foi observado que no geral, o modo como o professor decide ministrar suas aulas está diretamente ligado ao nível de conhecimento que ele tem sobre determinado assunto, não só no que se refere ao conteúdo de ensino, mas das implicações sociais e políticas decorrentes desse conteúdo. Foi possível observar também que alfabetizar é realmente muito mais do que ensinar letras e sons, é dispor pensamentos, letras, sons, sentimentos, imaginação e sonhos ao alcance do aluno, principalmente aqueles da Educação infantil e dos anos iniciais do Ensino fundamental.

Palavras-chave: Alfabetização/letramento. Formação docente. Leitura e escrita.

ABSTRACT

This paper aims to discuss literacy from the perspective of teacher education with reflections necessary to the practice of literacy in early childhood education and in the early years of elementary school. As for the specific objectives, the following proposals were observed: to identify some important current concepts about literacy and literacy, to mention the initial training of teachers for the literacy of children in early childhood education and in the early years of elementary school and, to relate the training of the literacy teacher with the classroom challenges in early childhood education and in the early years of elementary school, bringing necessary reflections to literacy for these levels of basic education. The methodological procedure used to obtain the information for this study was a bibliographic research carried out based on material already published, such as books, magazines and scientific articles. This research uses a qualitative approach, considering the need for analysis and interpretation of the data obtained through exploratory reading. As a result of this study, it was observed that in general, the way the teacher decides to teach his classes is directly linked to the level of knowledge he has on a given subject, not only with regard to the teaching content, but also of the social and social implications. policies arising from that content. It was also possible to observe that literacy is really much more than teaching letters and sounds, it is putting thoughts, letters, sounds, feelings, imagination and dreams within the reach of the student, especially those in early childhood education and in the early years of elementary school.

Keyword: Literacy. Teacher training. Reading and writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro de diferenciação entre Alfabetização e Letramento segundo Magda Soares	pág.17
Fotografia 1 – Regência na Educação Infantil	pág.28
Fotografia 2 – Regência nos anos iniciais do Ensino fundamental	pág.30
Fotografia 3 – Programa Residência Pedagógica	pág.31
Fotografia 4 – Programa Residência Pedagógica	pág.32
Figura – Exemplo de escrita pictográfica	pág.33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ALFABETIZAÇÃO NA CONCEPÇÃO DOS DIAS ATUAIS	13
2.1 Alfabetização e letramento	13
2.2 Alfabetização e letramento na perspectiva contemporânea	19
3 A FORMAÇÃO DOCENTE E AS REFLEXÕES NECESSÁRIAS À ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	24
3.1 O professor alfabetizador	25
3.2 O estágio supervisionado e a formação dos professores alfabetizadores	27
3.2.1 Regência na Educação infantil	27
3.2.2 Regência nos anos iniciais do Ensino fundamental.	29
3.2.3 O Programa Residência Pedagógica	31
3.3 A importância da alfabetização para a comunicação social	33
4 METODOLOGIA.....	37
4.1 Percurso metodológico	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é comum ouvir algumas pessoas questionarem os procedimentos de alfabetização que são trabalhados na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental, falando que antigamente as crianças aprendiam a ler e a escrever com mais rapidez, mesmo sem haver tantos cursos de formação para professores. Outros dizem que os métodos atuais de alfabetização utilizados na escola servem apenas para estimular a criança a brincar e desenhar.

Apesar disso, é preciso entender que o processo de alfabetização que se utiliza na escola atualmente se baseia em alfabetizar a criança através do conhecimento integral e global do texto que cerca uma determinada palavra, sílaba ou letra, portanto, diferente do modo como se fazia alguns anos atrás, em que as crianças aprendiam as letras através de seu fonema, sem qualquer preocupação com o contexto que cercava aquele símbolo.

Essa forma de alfabetização por meio de fonemas não se preocupa em preparar os alunos para situações como interpretação de textos, formação crítica e argumentação. Diante disso, é importante ensinar e educar bem as crianças no seu processo de aquisição das letras, pois, uma vez alfabetizada, elas terão grandes possibilidades de sucesso nos seus estudos. Outro ponto que merece ser observado é que há situações em que o professor pensa estar alfabetizando uma criança apenas pelo fato de ajudá-la a ligar sílabas e a formar palavras, esquecendo outros elementos importantes.

Segundo Dalla Valle (2013) durante muito tempo persistiu a ideia de que uma pessoa era considerada alfabetizada quando se sabia identificar as letras do alfabeto, juntar sílabas e formar palavras. Nessa época se aprendia a ler e a escrever através da repetição de sons utilizando a fonação e a soletração. Uma outra preocupação relevante entre professores e pesquisadores é saber o porquê de mesmo havendo avanços e incentivos na educação, ainda existe tantas dificuldades para se alfabetizar uma criança em sua idade própria e porquê estudantes ainda chegam nas séries finais do Ensino fundamental e até mesmo no Ensino médio sem o domínio efetivo da leitura e da escrita.

Tendo em vista tudo isso, o contexto geral deste trabalho promove uma discussão sobre o tema da alfabetização de crianças na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental, durante o período de escolarização em que a criança tem seu primeiro contato com a aquisição da leitura e da escrita. Trata-se de um assunto desafiador para a formação inicial de professores dos cursos de Pedagogia e de Licenciatura. Já que, a alfabetização, demanda um processo complexo de ordem intelectual, emocional, motora e social do sujeito.

O problema da pesquisa tem como preocupação algumas situações vivenciadas pelo estagiário do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA no processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita pela criança no início da vida escolar.

Diante disso, é indagado o seguinte: Quais encaminhamentos a formação inicial de professores propõe para que haja uma prática pedagógica de sala de aula na redução do índice de analfabetismo funcional entre os alunos da Educação básica, levando-os a lerem palavras, a compreenderem ideias e a escreverem textos que tenham sentido? O objetivo geral do trabalho é discutir sobre a alfabetização a partir da perspectiva da formação docente com reflexões necessárias à prática da alfabetização na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental.

Por sua vez, os objetivos específicos são: identificar algumas concepções atuais importantes sobre alfabetização e letramento, mencionar a formação inicial de docentes para a alfabetização de crianças na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental e, relacionar a formação do professor alfabetizador com os desafios da sala de aula na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental, trazendo reflexões necessárias à alfabetização para estes níveis da educação básica.

O interesse por este tema surgiu durante o estágio no magistério da Educação infantil e dos anos iniciais do Ensino fundamental, através do Programa Residência Pedagógica (PRP) realizado na Escola Municipal São Luís, localizada no bairro Santa Teresinha, em razão do grande número de alunos do 4º ano dessa escola ainda não estarem alfabetizados. A consequência disso é a reprovação. Já que, nessa situação, o aluno não tem o conhecimento necessário para avançar no ano seguinte.

A formação do pedagogo exige que o profissional da educação para esta modalidade de ensino seja capaz de alfabetizar com competência. Portanto, este estudo traz uma contribuição com a reflexão da prática de alfabetização na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental para que o aluno seja alfabetizado na idade certa.

Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo para obtenção dos dados foram de pesquisa bibliográfica, principalmente, realizada a partir de materiais já publicados como livros, revistas e artigos científicos e, dos conhecimentos adquiridos durante as experiências e observações vivenciadas no campo do estágio. Tendo em vista a necessidade de análise e interpretação dos dados obtidos mediante leitura exploratória e observação direta *in loco*, esta pesquisa emprega uma abordagem qualitativa numa linguagem descritiva.

A estrutura do trabalho ficou organizado do seguinte modo: após este primeiro capítulo que compreende esta introdução, o segundo capítulo discute sobre a alfabetização na concepção dos dias atuais, citando os conceitos de alfabetização e letramento. No terceiro capítulo serão debatidos a formação docente e as reflexões necessárias à alfabetização na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental. O quarto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados na produção deste estudo, e por fim, no quinto capítulo as considerações finais seguidas das referências utilizadas nesta pesquisa.

2. ALFABETIZAÇÃO NA CONCEPÇÃO DOS DIAS ATUAIS

Na legislação educacional brasileira a alfabetização deve ser desenvolvida exclusivamente no primeiro ano, isto é, na etapa inicial do Ensino fundamental, podendo se estender até ao terceiro ano. Essa determinação não define a idade certa para ser alfabetizado, pois a criança pode ter contatos com a leitura e a escrita ainda na Educação infantil.

A concepção pedagógica contemporânea sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita busca refletir sobre a qualidade do ensino, sobretudo, dos métodos estabelecidos no processo de ensino-aprendizagem visando alcançar os objetivos propostos que, com o passar do tempo, possa garantir a aprendizagem contextual vivida pelo discente. Contudo, o professor é a peça chave, para que se estabeleça melhor os métodos utilizados para alcançar tal objetivo.

Partindo dos conceitos de alfabetização e de letramento paralelo aos métodos de alfabetização por meio da fonação e da notação, além da visão tecnológica atual e da emocional da criança no ato de aprender, este estudo fundamenta-se em conteúdos aplicados por autores que conhecem bem o assunto. “Em breves palavras, podemos afirmar que o conceito de alfabetização está contido no de letramento, o que equivale a dizer que letrar é alfabetizar com sentido e que letramento é, de certa forma, o contrário de analfabetismo” (SOARES, 1998).

A alfabetização é um processo que influencia na vida cotidiana e nas demais etapas seguintes da educação básica e até posterior, razão de sua importância. Por isso, deve-se ter cuidados iniciais nos procedimentos adotados, pois ocorrendo de forma irregular poderá causar danos irreversíveis, fazendo com que a criança tenha sérios prejuízos em todo o seu percurso educacional.

Para começo de conversa é preciso entender que a alfabetização não se resume simplesmente na codificação e decodificação dos símbolos gráficos de uma língua. Na verdade, isso é um processo complexo no qual o educando adquire as competências de leitura, escrita e a capacidade de interpretação e compreensão daquilo que está lendo. Na escola, a criança alfabetizada adquire as habilidades fundamentais para a sua interação com outros indivíduos na sociedade e para a aprendizagem dos demais conteúdos escolares. Sobre a alfabetização, Solé (1998, p. 50) afirma que:

A alfabetização é um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Estes procedimentos, porém, vão muito além de certas técnicas de translação da linguagem oral para a linguagem escrita. O domínio da leitura e da escrita pressupõe o aumento do domínio da linguagem oral, da consciência metalinguística (isto é, da capacidade de manipular e refletir intencionalmente sobre a linguagem) e repercute

diretamente nos processos cognitivos envolvidos nas tarefas que enfrentamos (para não mencionar o que significam em nível de inserção e atuação social).

Nessa concepção, a alfabetização se constitui um recurso eficiente e capaz de inserir o indivíduo na sociedade e também de instrumentalizá-lo na sua atuação social, contribuindo para sua própria felicidade e para o bem da coletividade. A escola deverá levar em consideração que a criança ao ser alfabetizada precisa ser capaz de usar essa forma de linguagem para sua interação com o mundo e, principalmente, com o meio social em que ela própria está inserida.

Nessa perspectiva, o futuro docente deve saber que a linguagem é entendida como expressão do pensamento, ou como processo de comunicação, ou ainda como forma de interação. As variedades da língua praticadas em diferentes regiões geográficas são manifestações linguísticas válidas na medida em que comunicam e são compreendidas em seus respectivos contextos. O significante e o significado são dois lados do signo linguístico que se completam. Esses dois pontos estão tão relacionados que na falta de um não há o outro. Segue abaixo um conceito de signo linguístico que esclarece bem esse entendimento sobre significante e significado.

O signo é a união de um conceito com uma imagem acústica, que não é o som material, físico, mas a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra, mas não a falamos. O signo é uma entidade de duas faces, uma reclama a outra, à maneira do verso e do averso de uma folha de papel. Percebem-se as duas faces, mas elas são inseparáveis (FIORIN, 2011, p.58).

Sendo assim, estes dois lados do signo linguístico são inseparáveis. Por exemplo, quando um indivíduo falante da língua portuguesa ouve a palavra “casa”, que é a imagem acústica, esse mesmo significante remete o ouvinte à ideia de lar ou de abrigo. Nesse sentido, a língua é compartilhada pelos membros de uma comunidade como um fenômeno social, não podendo ser modificada pelos indivíduos, uma vez que é um evento exterior à vontade particular de cada um deles.

A linguagem, seja na sua forma falada ou escrita, serve como convenção social de interação entre os membros de uma determinada comunidade. De acordo com o pensamento de Monteiro (1999), o desenvolvimento das sociedades está profundamente relacionado ao da escrita. E para ela a preocupação com a alfabetização, independentemente da classe social, vem sendo recomendada em vários países na forma de uma educação que seja pública e gratuita para todos. Diante disso, muito embora a alfabetização possa ser realizada fora do ambiente escolar, é evidente que a escola se constitui como a principal instituição alfabetizadora.

Para uma melhor compreensão do processo de alfabetização por parte do professor, se faz necessário primeiro entender alguns conceitos de alfabetização na concepção dos dias atuais, para então poder refletir melhor sobre a educação nacional e sobre como é possível ensinar as crianças a lerem, a escreverem e a compreenderem suas histórias.

2.1 Alfabetização e letramento

Tempos atrás a alfabetização no Brasil foi entendida apenas como um processo no qual o indivíduo aprendia a codificar e a decodificar símbolos gráficos linguísticos. Desse modo, a alfabetização consistia no simples ato de aprender a ler e escrever. É possível perceber que a alfabetização mudou muito, não só no conceito, mas também na forma como vinha sendo trabalhada pelo sistema de ensino, levando em considerações a mudança de métodos aplicados, os recursos didáticos, além de razões da esfera econômica, social e política relacionadas nesse processo.

Ser alfabetizado é estar aberto para novos saberes. É bem mais do que saber ler e escrever ou então pegar um texto e ler apenas. Ser alfabetizado é poder entender o que está lendo, é saber escrever um texto que tenha sentido, e entender o que está nas entrelinhas ao interpretar um determinado texto. Estar alfabetizado é poder observar o mundo com olhos críticos de leitor e escritor, de quem aprende e vai levar o seu aprendizado para toda a vida.

Com isso, apareceram outras exigências como uma postura diferenciada da escola e também dos professores em sala de aula com novas práticas de ensino e a necessidade de uma sólida fundamentação teórica para se ter mais qualidade em sua atividade pedagógica, na intenção de incorporar e conduzir para dentro da sala de aula os novos paradigmas educacionais que sejam cada vez mais eficazes e coerentes com uma aprendizagem significativa para o aluno.

O conceito de letramento foi incorporado a pouco tempo no vocabulário acadêmico e educacional brasileiro, no intuito de que não basta formar crianças que, mesmo sabendo ler e escrever encontrem dificuldades na compreensão da leitura e na produção de seus próprios textos de modo consciente. É preciso fazer com que essas crianças sejam alfabetizadas ao ponto de fazê-las compreenderem aquilo que elas leem e escrevem.

Nessa perspectiva de alfabetização, Paulo Freire (1967, p. 111 *apud* DALLA VALLE, 2013, p.75) entende que “a alfabetização é mais do que o simples domínio mecânico de técnicas de escrever e ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente”. Em razão disso, uma pessoa que

apresenta dificuldade de compreender um pequeno texto ou que só escreve um amontoado de palavras é considerado um analfabeto funcional.

A prática educativa do profissional alfabetizador deve contemplar o conceito de letramento, formando crianças leitoras e produtoras de textos. Segundo Dalla Valle (2013, p.80) “O uso do conceito de letramento nas práticas pedagógicas indica que a alfabetização que estamos querendo realizar envolve estudantes em práticas de leitura e escrita que tenham significado e façam parte da vida social”.

Não se admite a ideia de um indivíduo alfabetizado que não tenha o domínio das habilidades de leitura e de escrita que o façam capaz de interagir com a vida social. Esta compreensão de mundo por meio da leitura e da escrita deve proporcionar ao aluno alfabetizado uma formação que o faça refletir sobre sua condição social e o seu papel na sociedade, em um nível que esteja de acordo com a sua idade e com os seus conhecimentos. Ao ler, a criança deverá aprender a se apropriar de saberes que dão sentido ao mundo. O conceito de ler na concepção de Yunes inclui esse entendimento.

Ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-las com palavras, gestos, traços. Ler é significar e, ao mesmo tempo, tornar-se significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo (YUNES, 2009, p. 35).

Desse modo, a alfabetização dentro de uma prática de letramento sugere uma contextualização em que, por meio da leitura e escrita na sala de aula, o aluno é apresentado à língua de seu país como instrumento social que pode ajudá-lo a se comunicar, ter acesso à informação e a participação ativa na sociedade (BRASIL, 1997). Portanto, o letramento sugere uma prática de alfabetização integral do indivíduo como um ser social capaz de interagir na sociedade.

A alfabetização e o letramento são dois processos que devem andar juntos colaborando para que ocorra a aquisição da língua escrita de modo efetivo, pois, para o sujeito não basta simplesmente ser alfabetizado, ou seja, aprender simplesmente a decodificar os sinais gráficos. É necessário que o indivíduo seja também letrado para que consiga realizar as práticas sociais de leitura e escrita que são impostas pela sociedade.

Para que esse modelo de alfabetização seja possível, a educação deve ser significativa para o aluno, caso contrário o educando não se sentirá motivado para permanecer na escola. É importante também lembrar que há crianças que são provenientes de lares com baixos níveis ou até mesmo nulos de alfabetização e que muitas das vezes sem acesso a essa função social da

leitura e da escrita, cabendo à escola demonstrar isso através de ações intencionais e competentes.

Sobre isso Kramer (2001, p. 153) faz a seguinte consideração: “É importante lembrar que, no Brasil, muitas crianças e jovens das camadas populares permanecem anos na escola sem se tornarem leitores, sem adquirir familiaridade com os processos de escrita ou mesmo sem aprender a resolver problemas simples de matemática”. Assim, não é aceitável concluir e afirmar que a criança que estuda apenas por um determinado período de anos esteja alfabetizada plenamente, pois algumas delas, muitas das vezes, conseguem apenas codificar (escrever) e decodificar (ler) textos.

Desta forma, é fundamental ensinar e educar as crianças na aquisição das letras, pois só assim elas terão grandes possibilidades de sucesso nos seus estudos. Portanto, o professor deve entender que não basta fazer com que a criança apenas seja capaz de ligar sílabas e a formar palavras, esquecendo de trabalhar outros elementos também importantes como levar a criança a compreender os textos que ler e a produzir os seus próprios textos com sentido.

Quadro de diferenciação entre Alfabetização e Letramento segundo Magda Soares

	Alfabetização	Letramento
Conceito	Alfabetização é o processo de aprendizado da leitura e da escrita.	Letramento é o desenvolvimento do uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais.
Uso	Uso individual da leitura e escrita.	Uso social da leitura e escrita.
Indivíduo	Alfabetizado é o sujeito que sabe ler e escrever.	Uma pessoa letrada sabe usar a leitura e a escrita de acordo com as demandas sociais.
Atividades envolvidas	Codificar e decodificar a escrita e os números.	Organizar discursos, interpretação e compreensão de textos, reflexão.
Ensino	Deixa o indivíduo apto a desenvolver os mais	Habilita o sujeito a utilizar a escrita e a leitura nos mais diversos contextos.

	diversos métodos de aprendizado da língua.	
--	---	--

Fonte: Revisão por Daniela Diana. Site: <https://www.diferenca.com/alfabetizacao-e-letramento/>

Observa-se que segundo o quadro acima, pode-se afirmar que alfabetizar é ensinar o aluno a saber ler e escrever, enquanto que, letrar é ensinar o aluno a saber ler e escrever, mas também saber manusear esta leitura e escrita em diversos contextos sociais, promovendo reflexão, compreendendo e interpretando os textos de acordo com as demandas sociais em virtudes das práticas sociais.

Nessa pesquisa mostra-se a importância da alfabetização na vida da criança durante o processo escolar. Por essa razão é necessário que os docentes competentes na área desta etapa escolar conheçam as práticas metodológicas que possam melhorar o desenvolvimento e o desempenho escolar dos seus alunos, trazendo sempre bons resultados na turma em que este profissional trabalha.

Com base nos estudos de Magda Soares (2003, p.8) sobre letramento e alfabetização:

No Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, [...] o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino desinvenção da alfabetização

Para Magda Soares existe a duplicidade, alfabetização e letramento. Para ela a diferenciação está relacionada ao domínio sobre a leitura e escrita. Ou seja, o indivíduo alfabetizado sabe ler e escrever, mas possui menos hábitos dessas habilidades no seu dia a dia. Já o sujeito letrado, domina o que ler e escreve.

O modelo considerado antigo sobre alfabetização e letramento é um processo em que a escola se baseia em alfabetizar onde os alunos aprendem sobre as letras e sílabas através da escrita manual, visual e perceptível pelo som (fonema), sem vivenciar o contexto e símbolos concretos vividos pelo mundo reflexivo a respeito de interpretações textuais, argumentativos e críticos no meio em que vivem.

Em virtude disso, a metodologia utilizada nos processos de alfabetização, precisa ser compreendida pelo professor, que deve buscar sempre o aprimoramento de seu conhecimento dia após dia, na perspectiva de propor a melhor maneira de alfabetizar o educando caso a caso,

vivida pela realidade do aluno, visando o desenvolvimento integral da criança na sua cognição e no social.

Sabe-se que, a preparação do professor para refletir sobre os desafios da atividade docente e a atenção que deve ser observada de forma individualizada sobre cada discente, analisando a precisão diferenciada no processo de aprendizagem, identificando o desenvolvimento do aluno através das avaliações estabelecidas para aferir o trabalho realizado, são fatores que buscam qualificar os métodos e procedimentos adotados no processo de alfabetização e letramento.

Em virtude disso, para que se possa atingir a qualidade no processo educacional, com práticas que proporcionam diferentes técnicas e recursos, com intuito de constituir o desenvolvimento da alfabetização e letramento, deve-se levar em consideração o contexto real vivido pela criança de forma individual, e não excluindo seu meio social, podendo ser inovada na perspectiva de alcançar os objetivos traçados e propor uma visão ampla de conceitos em que a criança possa desenvolver a consciência de poder vivenciar outros meios fora de sua realidade vivida, tornando-se um sujeito reflexivo, crítico e transformador.

Diante disso, as metodologias utilizadas pelo profissional educador propõe um modelo em que se pode alfabetizar letrando, em que a criança possa aprender a ler e escrever através das práticas sociais, vivenciando a escrita e a leitura, sendo sujeito de sua aprendizagem, construindo e compreendendo a mecânica na junção de grafia e som, como essencial para refletir sobre o mundo e o meio em que vive.

A lógica é que este profissional não introduzirá na cabeça da criança aquilo que ele quer que a criança introduza, mas que a criança mesmo de forma inconsciente ao ato de aprender, possa vivenciar a escrita e a leitura, desenvolvendo suas habilidades e entendimento de forma espontânea sem estabelecer a obrigatoriedade sobre aprender, pois o processo por si só, fará com que a criança mesmo sem perceber, adquira as habilidades através das práticas vivenciadas.

Segundo Morais e Albuquerque (2007, p.15) a alfabetização é adquirida por meio de procedimentos:

da tecnologia da escrita, isto é do conjunto de técnicas, procedimentos habilidades, necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico).

Então, pode-se observar que o alfabetizador deve sensibilizar sobre as práticas intencionais, por meio de atividades que produzem comunicações sociais com o objetivo de

desenvolver nas crianças as habilidades por meio de produções específicas, como os atos de escrever a outro, contar o que foi escrito a outro, visando o domínio contextual, vivenciando o mundo da criança, até mesmo de forma simples, mas que ao longo do tempo, desenvolve a maturação da criança.

Ainda de acordo com Moraes e Albuquerque (2007), alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever através das práticas sociais da leitura e da escrita, tornando o sujeito alfabetizado e letrado. Pois existe a diferenciação entre alfabetização e letramento, em que a alfabetização é o processo que visa desenvolver a habilidade sobre a escrita e leitura, já o processo que desenvolve tanto habilidade e competência sobre o uso da leitura e da escrita é o letramento.

As práticas sociais denotam a capacidade do indivíduo de vivenciar suas experiências cotidianas, saber interpretar o material escrito, relacionado ao contexto social, desenvolvendo além das habilidades de aprender a ler e escrever, competências de entender o que se escreve e que se lê.

A Alfabetização e o letramento são processos distintos, mas é inegável que estejam separados. Pois podemos afirmar que andam juntos, de mãos dadas, se somam, ou seja, ensinar a criança a ler e escrever não apenas para codificar ou decodificar o que está escrito, mas que vai além, entende e domina o que se lê e escreve. Por isso, o educador alfabetizador deve reconhecer este processo de ensino-aprendizagem, separadamente, mas dependentes.

Neste estudo, falando de modo breve sobre o contexto histórico brasileiro, após a Proclamação da República e devido essa nova ordem política, tendo a escola como instituição educacional, a alfabetização se eleva principalmente após este período.

Embora surgisse primeiro o termo alfabetização que era visto como o ensino da capacidade de codificar e decodificar, em que eram utilizadas cartilhas com o intuito de memorização, recebendo críticas, pois os alunos decoravam sem entender o significado, época que criaram outro termo “analfabetismo funcional”, diferenciando aqueles que sabiam dos códigos, mas não sabiam utilizar esses códigos nos contextos sociais. Na década de 80, surge o conceito de letramento designando a capacidade do sujeito de apropriação diversificada dos materiais escritos (DALLA VALLE, 2013). A crítica à alfabetização foi em razão de que o indivíduo não era capaz de ler e de escrever de forma funcional.

2.2 Alfabetização e letramento na perspectiva contemporânea

Sabe-se que os desafios educacionais brasileiro na contemporaneidade não são poucos, principalmente nas perspectivas de desenvolver formações pedagógicas voltadas para a alfabetização de crianças, jovens e adultos. Situações que desafiam o profissional da educação dentro da sala de aula. Nesse contexto é possível observar que não existe um método próprio para alfabetizar e letrar, mas o professor deve sempre buscar estratégias que possam na sua atividade docente facilitar a aprendizagem do aluno, contribuindo desse modo para melhorar o trabalho realizado pelo educador competente nessa área.

Após muitas discussões ocorridas ao longo dos anos, educadores perceberam que deveriam buscar outras formas e técnicas de ensinar. Diante disso, as escolas avançaram no processo de ensino-aprendizagem, principalmente nas metodologias de alfabetização, mas é evidente que, ainda existe muito o que fazer para que as crianças exerçam o direito e a oportunidade concretas para que elas possam realmente receber uma educação de qualidade, conforme garantida na Constituição brasileira.

Diante disso, é evidenciado que as escolas atuais tenham pautadas técnicas voltadas no sentido de que a criança possa ser compreendida de maneira que elas representam notadamente através das práticas, sentindo emoções, ou seja, prazer pelo que fazem, de forma que possa ser vista como ser pensante, e que possam compreender significados de formas simples e prazerosa, com a utilização de instrumentos tecnológicos para facilitar a compreensão mesmo que inconsciente.

Em outras palavras, aprender brincando é a melhor técnica a ser utilizada na Educação infantil, ou em qualquer ambiente que possa ter objetivos propostos de acordo com o tema que se deseja lecionar para crianças no início da vida escolar. Nos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (RCNEI) existe uma preocupação em sensibilizar os educadores sobre a importância do brincar tanto em situações formais como também nas informais, pois define-se como linguagem infantil vivenciando a realidade imediata da criança.

Vygotsky (1994, p.85) sobre o pensamento verbal e a linguagem ele observa que toda ação humana procede de interação, é como “princípio regulatório amplamente difundido no comportamento humano”. Para Vygotsky, a relação entre o pensamento e a linguagem passa por várias mudanças ao longo da vida do indivíduo.

Essa interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento é perceptível quando observada na prática educacional a relação entre o aluno e o conteúdo de ensino, pois o aluno pode vivenciar com o objeto, assim adquirindo habilidades, em que o aluno de forma natural explora espontaneamente sua criatividade. Razão que Vygotsky definiu um conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Em relação ao processo de alfabetização, o aluno terá

grandes chances de adquirir habilidades nos seus estudos, sendo que não se pode ignorar outros elementos importante nessa etapa da vida escolar.

Nessa fase da Educação infantil a brincadeira é um dos elementos necessário no processo de ensino-aprendizagem para esta modalidade de ensino, pois além de poder desenvolver habilidades de leitura e escrita, também possa desenvolver a intelectualidade, seu emocional, e interagindo com o próximo, adquirindo o desenvolvimento social. Para a criança a brincadeira é o ato de prática prazerosa, é definida como uma atividade livre, sendo que o brinquedo é o objeto com que se brinca, tendo por sua vez como princípio o estímulo à brincadeira. E que deve ser visto não como passar tempo, mas como recurso necessário para o desenvolvimento da própria criança.

Brincando a criança estimula a imaginação. Por meio das atividades lúdicas o professor oportuniza situações de aprendizagem, trabalhando com o aluno noções de tempo, espaço, cores, sons, símbolos, objetos, formas geométricas, letras, números, etc. Diante disso, surge a motivação para o aprendizado de forma espontânea na criança, causada pelo estímulo e que favorece o desenvolvimento no processo da linguagem, suficiente para que o aluno transcenda a si mesmo.

É notório que na Educação infantil o lúdico não é considerado como método de alfabetização. Contudo, não se deve depreciar esse recurso como auxiliar no desenvolvimento infantil, uma vez que a maturação cognitiva do organismo também é essencial para o processo de alfabetização. Cada criança tem o seu tempo de aprendizagem. Por meio do estímulo da prática prazerosa das brincadeiras e dos brinquedos o professor poderá atuar na sua atividade docente tendo em vista os objetivos educacionais propostos para aquela modalidade de ensino.

Além do mais, a experiência é desenvolvida no aluno de forma ativa, participativa, fazendo com que o mesmo desenvolva seu potencial, estimulando a oralidade da criança, o crescimento e o desenvolvimento físico da criança, a coordenação, os músculos, a autonomia e as faculdades intelectuais, aumentando assim o vocabulário da criança, conhecendo palavras novas no dia a dia, obtendo mais interesse e senso de compreensão. Piaget orienta que existem várias fases de desenvolvimento infantil, sendo que no período de 02 a 12 anos, ele definiu como sendo o período das operações concretas, que segundo Piaget (1978) nos esclarece que: “o brincar implica uma dimensão evolutiva. Crianças de diferentes idades, com características específicas, tem formas diferenciadas de brincar”.

Diante disso, o planejamento das brincadeiras, e ou a utilização de brinquedos pedagógicos devem ser de acordo com a faixa etária da criança. É importante salientarmos que conduzir as aulas de alfabetização através de brincadeiras aleatoriamente sem objetivos

específicos podem proporcionar perda de aproveitamento educacional. É preciso perceber que o aluno aprende brincando.

A escola é a principal instituição que possa desenvolver atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem atribuindo caminhos do conhecimento sobre a ótica de “pensar” sobre o brinquedo. Sendo assim, a brincadeira praticada na escola não é a mesma praticada em outros locais. As brincadeiras ocorridas no âmbito escolar devem estar de acordo com o objetivo proposto educacional, seja para a alfabetização, seja para outras finalidades educativas.

Nas práticas da leitura e escrita, como sugestões e dependendo da faixa etária, o professor poderá desenvolver atividades lúdicas relacionadas com a leitura de letras, sílabas, palavras ou frases; identificação de letras e sílabas em palavras; escrita de letras, sílabas, palavras e frases; cópia de letras, sílabas, palavras e frases; contagem de letras em sílabas, de letras e sílabas em palavras e de palavras em frases; partição de palavras em sílabas e letras ou de frases em palavras; identificação, exploração e produção de rimas e aliterações; comparação de: sílabas e palavras quanto ao número de letras; palavras quanto ao número de sílabas, palavras quanto à presença de letras iguais/diferentes; formação de palavras a partir de letras ou sílabas dadas; exploração de diferentes tipos de letra, da ordem alfabética, da segmentação das palavras e das relações som/grafia.

Diante disso, não só para repassar conteúdos, mas com planejamentos de aulas voltadas com desenvolvimento de práticas lúdicas que são recurso pedagógico riquíssimo. Pois a professora pode explorar a criatividade, novos conhecimentos, visando melhorar o contexto educacional, tornando-se mais atraente para o aluno. Oliveira (1994) afirma que:

No processo de desenvolvimento, a criança começa usando as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela. Isto ocorre porque, desde os primeiros dias de vida, as atividades da criança adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, refratadas através de seu ambiente humano, que a auxilia a atender seus objetivos.

Com isso, a ludicidade faz parte da base sólida educacional para a criatividade, e que seja garantida o espaço de práticas educacionais lúdicas e tempo necessário para estabelecer a participação e o prazer em estudar, que é fundamental que o educador desenvolva de forma planejado, estruturado visando obter resultados positivos nas aulas de alfabetização e letramento. Além de ser analisada a metodologia sobre a prática lúdica, visando o lado emocional da criança, sabe-se que é de suma importância a socialização, interação que acontece entre os próprios discentes e entre os docentes.

3. A FORMAÇÃO DOCENTE E AS REFLEXÕES NECESSÁRIAS À ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Este capítulo propõe discutir sobre a importância da formação inicial de docentes para a alfabetização de crianças na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental e relacionar essa formação do professor alfabetizador desses níveis de ensino da educação básica com os desafios da sala de aula, promovendo desse modo algumas reflexões necessárias à alfabetização.

A concepção pedagógica contemporânea sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita busca refletir sobre a qualidade do ensino, dos métodos estabelecidos no processo de ensino-aprendizagem, visando alcançar os objetivos propostos que, com o passar do tempo, possa garantir a aprendizagem contextual vivida pelo discente. Contudo, o professor é a peça chave, para que estabeleça melhor os métodos utilizados para alcançar tal objetivo.

O processo de alfabetização influencia na vida cotidiana e nas demais etapas seguintes da educação básica e posterior, razão de sua importância, por isso, deve-se ter cuidados iniciais nos procedimentos adotados, pois, ocorrendo de forma irregular poderá causar danos irreversíveis, fazendo com que, a criança sofra em todo percurso educacional.

É comum ouvir questionamentos sobre métodos e técnicas de alfabetização que atualmente são trabalhados na escola, falando que tempos atrás as crianças aprendiam a ler e a escrever mais rápido em meio a escassez de cursos de formação de professores e a pouca oferta de recursos disponíveis para esse trabalho. Os mais radicais criticam dizendo que os atuais métodos de alfabetização empregados na escola apenas estimulam o aluno a brincar e desenhar.

Certamente que para uma criança não é tarefa fácil aprender um sistema de representação bastante abstrato em representar os sons da fala em grafismos. Para que a criança possa vivenciar esse processo é necessário que o professor compreenda isso com base nos fundamentos psicológicos e sociolinguísticos, dentre outros. Sendo assim, a formação inicial de docentes para a alfabetização de crianças na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental é de fundamental importância para o bom desempenho das atividades pedagógicas e do desenvolvimento e aprendizagem da criança logo nos primeiros anos de vida escolar.

A formação inicial de docentes acontece, em geral, nos cursos de graduação em Pedagogia e nos cursos de Licenciaturas. As políticas de formação de professores na perspectiva da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9.394/96 consideram a sugestão de um novo modelo de profissional que seja capaz de atender às exigências educacionais

emergentes, instituindo a diferenciação de duas categoriais de profissionais da educação: professores capacitados e especializados.

Exige-se de todo bom educador que este deva estar continuamente atualizado e bem informado em relação à evolução das práticas pedagógicas e das novas tendências educacionais, e assim, capaz de exercer uma gestão eficiente da sala de aula, permitindo fazer com que o docente incorpore conhecimentos capazes de gerar transformações positivas no contexto de sua atividade educacional (LEITE, 2018). No geral, boa parte desses saberes já fazem parte dos conteúdos que são contemplados nos cursos de formação docente, seja de Pedagogia ou de Licenciatura.

3.1 O professor alfabetizador

Considerando o professor e a sua função social de alfabetizador, ressalta-se que, a princípio esse professor deva ser alguém que tenha os domínios por excelência da leitura e da escrita, tendo um elevado nível de alfabetização, cuidando da qualidade de suas próprias leituras e escritas.

Foucambert (1994, p. 5), escreve:

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é [...] ler é o meio de interrogar a escrita e não tolerar a amputação de nenhum de seus aspectos.

O aluno, por sua vez, por meio da leitura e da escrita pode adquirir uma melhor compreensão do mundo, porque nenhuma outra forma de ler o mundo é tão rica para a criança quanto aquela permitida no contato com as letras.

Nesse caso, é indispensável que haja um bom investimento na sua formação inicial durante o tempo em que cursar a Licenciatura e conseqüentemente também na sua formação continuada após sua graduação, sendo que essas formações poderão oferecer subsídios teórico-metodológicos para que o professor alfabetizador possa elaborar condições de ensino que façam com que os seus alunos pensem de modo crítico sobre o mundo no qual eles estão inseridos, incluindo fenômenos e situações que fazem parte desse mundo, aprendendo assim a serem pessoas reflexivas e criativas.

Segundo Soares (2008, p. 24), a formação do professor alfabetizador

tem uma grande especificidade, e exige uma preparação do professor que o leve a compreender todas as facetas (psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística) e todos os condicionantes (sociais, culturais, políticos) do processo de alfabetização, que o leve a saber operacionalizar essas diversas facetas (sem desprezar seus condicionantes) em métodos e procedimentos de preparação para a alfabetização, em elaboração e uso adequados de materiais didáticos, e, sobretudo, que o leve a assumir uma postura política diante das implicações ideológicas do significado e do papel atribuído à alfabetização.

Certos cursos de Pedagogia têm demonstrado interesse nessa problemática, buscando aprofundar as questões relativas ao processo de alfabetização. A formação do pedagogo demanda que esse profissional seja capaz de elaborar uma base firme de conhecimentos, e desse modo interferir na sua prática educativa, uma vez que, esses conhecimentos sobre o sistema de escrita por parte do professor devem ser amplos e possíveis. É preciso ter domínio do conhecimento de determinada área. Isso é o que se espera de um alfabetizador.

Ao se reconhecer alguns aspectos que dizem respeito ao papel do professor, bem como a sua função social, também se evidencia a necessidade do profissional docente possuir uma variedade de conhecimentos, saberes e habilidades de diferentes naturezas para assumir a tarefa educativa diante da abrangência e complexidade da educação, não se limitando a, mas perpassando o domínio dos conhecimentos pedagógicos e dos conteúdos específicos da área de atuação e formação. Tais conhecimentos, saberes e habilidades têm se traduzido em demandas próprias do exercício da profissão docente, refletidas em discussões relacionadas à sólida formação científica e cultural do ensinar e aprender, apontando-se para a necessidade de aprendizagem de práticas educativas baseadas na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, na contextualização curricular e no uso das tecnologias e metodologias diferenciadas de ensino (LEITE, 2018, p.724).

O professor que se dedica em alfabetizar deve entender que fatores como a maturação e o ambiente também são determinantes para a aquisição da linguagem. As crianças desenvolverão sua capacidade de aprendizado na continuação dos estudos e com o amadurecimento do organismo. Assim, o aprendizado nunca acaba, pois sempre haverá coisas novas para se aprender. Esses aprendizados acompanharão o indivíduo durante toda sua vida. No caso da educação com crianças, quanto mais elas forem estimuladas, melhor será o desempenho linguístico delas.

Sendo a distinção entre aquisição e aprendizagem muito tênue, cabe exemplificar com as modalidades de fala e escrita, pois enquanto a fala é adquirida de forma natural e dependente da interação, a escrita, por outro lado, depende da aprendizagem, pois carece de uma sistematização e todo um aparato específico para a sua internalização. Cabe lembrar que, quando uma criança inicia sua aprendizagem da escrita, ela já fala há vários anos (MONTEIRO, 1999, p.114).

Portanto, uma boa formação inicial deve possibilitar aos futuros alfabetizadores que os mesmos possam ter seus conhecimentos acrescidos cada vez mais, na direção que esses saberes resultem em práticas significativas, beneficiando a todos os indivíduos envolvidos no processo de alfabetização.

3.2 O estágio supervisionado e a formação dos professores alfabetizadores

O estágio nos cursos de Licenciatura é uma etapa necessária para a formação acadêmica e profissional do professor, e é a partir dele que o estagiário coloca em prática o que aprendeu na teoria. É uma experiência muito rica, que proporciona um grande aprendizado, uma vez que o desenvolvimento do profissional da educação é um processo que envolve o entendimento das situações reais de trabalho que se apresentam nos contextos escolares em que eles exercerão suas atividades pedagógicas.

Por isso que o estágio supervisionado é muito importante no processo de formação do educando. É a partir dele que o estagiário dos cursos de Pedagogia e de Licenciatura tem a oportunidade de conhecer o espaço escolar, a rotina do professor, antes mesmo de se tornar um futuro profissional da educação, e coloca em prática a teoria que aprendeu durante sua formação acadêmica.

Portanto, o estágio proporciona um grande aprendizado para o educando desenvolver da melhor forma possível suas atividades em sala de aula, contribuindo assim com a prática pedagógica. Esse momento viabiliza ao futuro professor conhecer, analisar e refletir sobre o seu ambiente de trabalho onde as teorias aprendidas pelos acadêmicos durante o curso são aliadas às práticas concretas.

3.2.1 Regência na Educação infantil

No Brasil, a exigência da formação em nível superior para os professores da Educação infantil faz parte do cenário educacional atual e assinala uma complicada relação entre a formação inicial e a procura pela qualidade nessa modalidade. A LDBEN/1996 foi muito importante no encaminhamento dessa formação, garantindo aos educadores que atuam na Educação infantil a não limitar seu trabalho somente aos cuidados essenciais das crianças, como alimentação, higiene e segurança, mas que associem ações educativas à sua prática.

Sobre a formação profissional para atuar na educação, a LDBEN 9.394/96, no seu Art. 64 diz que:

A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Na Educação infantil, o estágio supervisionado com carga horaria total de 125 horas distribuídas em 30 horas de observação, 55 horas de regência, 10 horas de projeto, sendo 2 horas para elaboração e 8 para apresentação, ocorreu na Creche Municipal de Educação Infantil CMEI Vera de Pádua Macieira, situada na praça Hamilton Aguiar, s/n, bairro São Francisco, realizado na sala do maternal, período integral, de segunda-feira a sexta-feira, das 7:45 horas as 16:00 horas.

Fotografia 1 – Regência na Educação Infantil



Fonte: Raquel da Silva Calácio (2018)

A creche naquele período atendia o total de 119 alunos matriculados, entre crianças de 3 a 5 anos de idade, apresentando uma boa infraestrutura, contando com seis salas de aulas, sendo uma única turma do maternal, uma do nível I, duas do nível II e duas do nível III. A observação no estágio supervisionado teve início em 6 de abril e término no dia 5 de junho de 2018. A experiência vivenciada através do estágio supervisionado na observação e na regência

da Educação infantil foi muito importante e gratificante pois contribuiu bastante na formação e prática pedagógica da sala de aula.

O estágio de observação durante as 30 horas possibilitou a oportunidade de compreender as metodologias aplicadas em sala de aula, e aprender como uma professora da escola pública trabalha. Com essa observação foi possível perceber o quanto que o educador deve ter amor por essa profissão, para que desse modo possa ser um melhor profissional da educação, e através dessa observação desenvolver atividades que pudessem de alguma forma ajudar no desenvolvimento de cada criança do maternal.

O estágio de regência na Educação infantil durante as 55 horas proporcionou a prática em sala de aula, sendo o momento de sentir na pele o exercício da atividade pedagógica. Foi uma experiência maravilhosa com erros e acertos, aprendendo com cada aula que foram postas em prática na Educação infantil, especificamente no maternal. Nessa faixa etária as crianças ainda são muito pequenas e estão tendo o primeiro contato com a escola.

Desse modo, o estágio na Educação infantil proporcionou conhecer a realidade e o funcionamento da escola, assim como a rotina do professor em sala de aula. Nesse sentido, vivenciar a prática docente por meio do estágio, é uma experiência enriquecedora para a formação do discente, futuro professor/profissional da educação. Enfim, foi gratificante esse momento importante em poder vivenciar e colocar em prática a teoria aprendida durante o curso de Licenciatura em Pedagogia.

3.2.2 Regência nos anos iniciais do Ensino fundamental

Durante a regência nos anos iniciais do Ensino fundamental, foram realizadas atividades que puderam contribuir para o desenvolvimento dos alunos. As atividades eram copiadas no quadro, e as crianças escreviam no caderno. Mas, um dos alunos que era especial fazia a atividade separada dos outros. Copiávamos a atividade dele no próprio caderno, para que respondesse, e as atividades eram de alfabetização.

A experiência vivenciada através do estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino fundamental foi realizada no Colégio Municipal São Francisco. Essa experiência foi muito interessante e recompensante, colaborando bastante para a formação do estagiário na prática pedagógica da sala de aula.

Nesse ambiente foi oportuno conhecer a instituição de ensino, e durante a observação foram colhidas informações através do acompanhamento das aulas da professora e da sua

metodologia utilizada em sala de aula. Na regência procurou-se colocar em prática as aprendizagens adquiridas com o auxílio da professora da escola na qual o estágio se realizou e com os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante as aulas no curso de Pedagogia.

Fotografia 2 – Regência nos anos iniciais do Ensino fundamental



Fonte: Raquel da Silva Calácio (2018)

Sempre que possível procurou-se desenvolver atividades que pudessem de alguma forma contribuir para o desenvolvimento dos alunos. A avaliação foi feita através de registro diário, a partir das aulas ministradas durante o período de regência, na qual se observou a participação dos alunos e o desenvolvimento deles nas atividades propostas. Com isso, as ações aplicadas permitiram a participação ativa dos estudantes, motivando as crianças para a curiosidade e interesse, assim como melhorando a sociabilidade no ambiente escolar.

Portanto, é importante conhecer a realidade e funcionamento da escola, assim como a rotina do professor em sala de aula que é totalmente diferente da rotina do professor de educação infantil. Nesse sentido, vivenciar a prática docente por meio do estágio é uma experiência enriquecedora e necessária para a formação do futuro profissional da educação. Enfim, a prática do estágio proporciona um aprendizado que muito tem a contribuir para a prática pedagógica e qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

3.2.3 O Programa Residência Pedagógica

Durante o curso de Licenciatura surgiu a oportunidade de participação no Programa Residência Pedagógica que é realizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. O programa atendeu três escolas municipais situadas nos bairros da cidade de Codó; Unidade Escolar São Luís, Escola Municipal Rosalina Zaidan e Escola Rosângela Moura, com o projeto Letrar: letras e números.

A autora destas linhas foi residente estagiária na escola São Luís nos anos letivos de 2018 e de 2019. O projeto atendia um total de 25 alunos do 3º e 4º que ainda não sabiam ler nem escrever. Com isso, o intuito principal do projeto era alfabetizar essas crianças. As atividades aconteciam na forma de reforço escolar nos contra turnos. Por exemplo, no turno matutino eram atendidos os alunos que estudavam no turno vespertino, contando com a participação de 24 bolsistas e 6 voluntários que foram distribuídos nas respectivas escolas.

No início do projeto foi feita a avaliação diagnóstica com esses alunos, e foi notado que muitos deles não reconheciam as letras do alfabeto, outros conheciam as letras e poucos liam algumas sílabas.

Fotografia 3 – Programa Residência Pedagógica



Fonte: Raquel da Silva Calácio (2018)

Durante a realização do projeto foram desenvolvidas metodologias diferenciadas como leituras, atividades significativas, jogos, criação de recursos para serem usados durante as aulas, na intenção de despertar o interesse pela leitura e escrita. Cabe mencionar que no ano de 2019 houve uma reformulação no projeto e cada residente ficou responsável por uma quantidade de aluno. A autora destas linhas ficou responsável para auxiliar e acompanhar a alfabetização de quatro alunos, dos quais três conseguiram evoluir na leitura e escrita. Quanto ao quarto aluno, ele faltava muito durante o programa, essas faltas podem ter prejudicado sua evolução.

Fotografia 4 – Programa Residência Pedagógica



Fonte: Raquel da Silva Calácio (2019)

O programa serviu como uma extensão do estágio e contribuiu significativamente para a aquisição de conhecimentos e experiências para os estagiários residentes do programa, de modo que foi possível vivenciar a prática dessa futura profissão, aprendendo e compartilhando conhecimentos com pessoas experientes, assim como também possibilidades de reflexão e de discussão de problemas, conflitos e vivências de todas as naturezas que fazem parte do contexto escolar, e permitir nesse campo a compreensão e resolução de partes destes conflitos e tensões.

Nesse sentido, o PRP proporcionou o conhecimento da realidade destas três escolas do município, e a fazer com que os residentes pudessem ter um olhar mais crítico sobre o trabalho pedagógico, a importância do planejamento para uma aula interativa, dinâmica e com o propósito principal que é o da aprendizagem, além de metodologias diferenciadas para

Com o tempo, várias formas de escrita foram surgindo e evoluindo. As civilizações foram aperfeiçoando cada vez mais seus sistemas de escrita. O comércio é um outro tipo de atividade social que motivou a criação e o aperfeiçoamento da escrita. A escrita realizada por meio de desenhos, bem como outras formas de escrita que foram surgindo a partir dela, com o passar do tempo, deram espaço para o aparecimento do alfabeto. “A palavra alfabeto vem dos nomes das duas primeiras letras gregas: alfa e beta” (VISCANTI; JUNQUEIRA, 2001, p. 23).

Sendo assim, quando uma pessoa quer comunicar algo a outro por meio da escrita, é preciso que tanto aquele que escreve quanto quem recebe a mensagem, tenham pleno conhecimento do conjunto de símbolos que fazem parte de um determinado sistema de comunicação social, neste caso, as letras do alfabeto, para que essa comunicação tenha sentido entre eles.

Contudo, na contramão disso, existe o analfabetismo. O analfabetismo é um sério problema. Esse fenômeno social continua sendo produzido nos dias atuais. No Brasil, a problemática do analfabetismo vem sendo discutida há muito tempo. Isso porque a aprendizagem da leitura e da escrita historicamente tem sido um desafio para a sociedade brasileira. É preciso refletir sobre a função da escola para que ela atue na preparação dos indivíduos na utilização da leitura e da escrita de modo consciente e competente.

Diante disso, é evidente a importância da colaboração da escola no aprendizado e no desenvolvimento das crianças no processo de alfabetização, pois haverá grandes possibilidades em conseguirem sucesso no prosseguimento dos seus estudos durante a vida escolar caso elas venham adquirir os domínios simples da leitura e da escrita.

O lúdico é um importante recurso metodológico muito utilizado pelos professores na Educação infantil, porque auxilia na aprendizagem das crianças. Embora o lúdico não seja considerado uma atividade de alfabetização, contudo, para a Educação infantil, as atividades lúdicas como as brincadeiras de faz de conta, os desenhos, os rabiscos, assim como a representação de objetos, dos sentimentos e dos seres em geral, contribuem no processo de atribuição de signos pela criança e aos sons da fala, facilitando o aprendizado na aquisição do sistema alfabético-ortográfico de escrita.

Para uma criança aprender a escrever é preciso compreender a relação que se estabelece entre as letras e os sons. Para a criança, a escrita só imita o som da fala. Acontece que essa capacidade de compreender as relações entre as letras e os sons não se desenvolve de modo espontâneo, exigindo uma maturação cognitiva pela criança aliada a uma atuação externa do professor por meio do ensino.

Vygotsky (1988) considerava haver uma relação de reciprocidade entre os processos de maturação e da aprendizagem do indivíduo, isto é, desenvolvimento e aprendizagem são processos que ocorrem em harmonia. Esse pensador russo trouxe contribuições importantes para o estudo do desenvolvimento da linguagem humana. Suas ideias são relevantes na prática da Educação infantil. De acordo com a perspectiva interacionista de Vygotsky, a alfabetização consiste em muito mais do que simplesmente aprender a grafia das palavras, ou seja, alfabetizar não é ensinar a ler e escrever de modo mecânico e artificial.

Desse modo, é importante fazer uma reflexão sobre o que se considera ser a alfabetização. Por muito tempo, a alfabetização era entendida apenas como o ato de ensinar o indivíduo a ler e a escrever. O trabalho de alfabetização consistia basicamente na reprodução da leitura e da cópia, não havendo uma preocupação com o sentido daquilo que era lido ou copiado no ato de alfabetizar.

Na Antiguidade, os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiando. Começavam com palavras e depois passavam para textos famosos, que eram estudados exaustivamente. Finalmente, passavam a escrever seus próprios textos. O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização (CAGLIARI, 1999, p.15).

Porém, hoje em dia não se consideram mais suficiente apenas o domínio mecanizado da leitura e da escrita como processo da alfabetização plena, uma vez que no passado esse mesmo processo era adotado por alfabetizadores, mas que em certos casos não era garantia de que a criança ou o até mesmo o adulto supostamente alfabetizados compreendiam o sentido das frases e das palavras por eles reproduzidas. Então, a alfabetização é um processo social que acontece no decorrer da vida do sujeito. Quanto mais se estuda, a pessoa terá mais capacidade de usar a linguagem efetiva, ela terá maior possibilidade de se informar e uma capacidade maior de se expressar melhor.

Na verdade, atualmente o conceito de alfabetização foi ampliado entendendo que não é mais suficiente alguém simplesmente saber ler e escrever, ou seja, saber decodificar, para ser considerado uma pessoa realmente alfabetizada. Portanto, não basta mais ao professor apenas fazer com que o indivíduo saiba reproduzir a grafia das letras e palavras. Se faz necessário que o alfabetizador envolva os estudantes em práticas de leituras e escrita que tenham significado e façam parte da vida social (DALLA VALLE, 2013). Levar as pessoas a aprenderem a ler e a escrever somente terá sentido se isso implicar na inclusão delas no mundo da escrita e da leitura, ampliando sua inclusão política e participação na sociedade.

O estudo dos métodos de alfabetização se faz necessário para o conhecimento do que acontece nas práticas de ensino, de modo que, no geral, esses métodos estão divididos em três grupos: sendo o primeiro grupo dos métodos sintéticos, que se subdivide em métodos alfabético, fônico e silabação; o segundo grupo dos métodos analíticos ou globais, que inclui o método do conto, sentencição e palavração; e o terceiro grupo, o dos métodos mistos que abrange a alfabetização de adultos de Paulo Freire.

No grupo dos métodos sintéticos inclui-se os métodos: alfabético, em que o ensino tem início com o estudo das letras; silábico, que utiliza o estudo das sílabas como base para o aprendizado da leitura; e fônico, que se inicia com o estudo das correspondências entre sons e letras (MICOTTI, 2015, p. 64).

Dos métodos sintéticos acima citados, o silábico é o mais utilizado nos dias atuais. É comum ainda nos dias de hoje chegar em uma sala de aula de 1º ano e ver os alunos estudando as famílias silábicas que é a junção das consoantes com as vogais do alfabeto. O método analítico ou global vai do todo para as partes, esse trabalho é feito com contos, frases e palavras de fácil compreensão e que contenha significados, sempre com análise e sínteses das palavras.

As palavras só têm sentido em enunciados e textos que significam e são significados por situações. A linguagem não é apenas vocabulário, lista de palavras ou sentenças. É por meio do diálogo que a comunicação acontece. São os sujeitos em interações singulares que atribuem sentidos únicos às falas (BRASIL, 1998, p.120).

Nesse sentido, as atividades pedagógicas ligadas à aprendizagem da criança pela leitura e escrita devem levar em consideração o contato da criança com a alfabetização como um processo, assim como aprender a falar e a andar. A criança constrói suas primeiras interações na medida que é estimulada a ter contato com letras, palavras e textos.

No geral, o processo de alfabetização que atualmente vem sendo utilizado na escola se baseia na alfabetização da criança por meio do conhecimento geral do texto que cerca uma determinada palavra, sílaba ou letra, deste modo, diferente da forma como se fazia alguns anos atrás, em que as crianças aprendiam as letras através de seu som, sem qualquer preocupação com o contexto que cercava aquele símbolo.

Esse tipo de alfabetização por meio de fonemas não considera em preparar os alunos para situações como interpretação de textos, formação crítica e argumentação. A aprendizagem inicial da língua escrita por meio dos processos de alfabetização e letramento servem para as mais diversas funções sociais como interações, registros de memórias, e etc.

4. METODOLOGIA

4.1 Percurso metodológico

Para a presente pesquisa foi realizado um levantamento teórico bibliográfico, descritivo de cunho qualitativo. Para a análise documental foi consultado documentos oficiais que regulamentam a educação brasileira, mais precisamente no que se diz respeito a formação dos professores. Documentos como a LDB 9394/96 (Leis de Diretrizes e Bases), assim como também as Diretrizes Curriculares e suas implicações no sistema educacional brasileiro. A pesquisa bibliográfica segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 186) consiste em:

...toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão.

Corroborando Gil (2002, p. 43), a pesquisa bibliográfica conceitua como “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” A pesquisa bibliográfica para Vergara (1998, p. 45), “É o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

A investigação bibliográfica foi utilizada para sustentar o objeto de estudo proposto na pesquisa, junto com as contribuições científicas já publicadas. A pesquisa descritiva é utilizada para apresentar os resultados obtidos no referencial teórico ou documental. Quanto as informações colhidas por meio das observações no campo da pesquisa tiveram como objetivo fundamental a descrição das situações, opiniões e comportamentos que ocorrem na população analisada na pesquisa, neste caso, alunos da Educação infantil e dos anos iniciais do Ensino fundamental.

Segundo Martins e Lintz (2000, p.28), a pesquisa descritiva: “tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos”. Este tipo de modalidade de investigação descritiva pretende descrever com exatidão os atos e fenômenos de determinada realidade, onde seu ponto central reside em conhecer a população estudada, suas características, seus problemas e seu processo de formação, sua preparação para o trabalho.

O interesse pelo assunto da presente pesquisa surgiu durante o estágio no magistério da Educação infantil e dos anos iniciais do Ensino fundamental, por meio do Programa Residência Pedagógica (PRP) realizado na Escola Municipal São Luís, com endereço no bairro Santa Teresinha. Chamou a atenção o grande número de alunos do 4º ano daquela escola ainda não estarem alfabetizados. Em decorrência de tal situação concorre a reprovação ou a não promoção desses alunos e conseqüentemente a impossibilidade de prosseguirem nos anos seguintes da vida escolar.

Tendo em vista que, nessa condição, esses alunos não adquiriram os saberes elementares necessários para avançarem nos seus estudos, a formação do pedagogo (a) vem exigir do profissional da educação que ele (ela) seja capaz de alfabetizar com competência. Portanto, este estudo procura trazer uma contribuição na reflexão da prática de alfabetização na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino fundamental na intenção de que o aluno seja alfabetizado na idade certa.

Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo para obtenção dos dados foram de pesquisa bibliográfica, principalmente, realizada a partir de materiais já publicados como livros, revistas e artigos científicos e, dos conhecimentos adquiridos durante as experiências e observações vivenciadas no campo do estágio. Tendo em vista a necessidade de análise e interpretação dos dados obtidos mediante leitura exploratória e observação direta *in loco*, esta pesquisa veio empregar uma abordagem descritiva de cunho qualitativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, apresenta-se uma síntese do processo desenvolvido nesta investigação realizada através de um levantamento bibliográfico, assim como as reflexões sobre a alfabetização na perspectiva da formação docente.

Como foi visto anteriormente, o papel do professor é considerado de suma importância nas organizações do desenvolvimento pedagógico. São imensas as expectativas sobre este profissional em face à sua missão de realizar uma formação voltada para alfabetização. Pode-se afirmar que uma boa formação inicial supriria em partes, a necessidade de desenvolver um bom profissional voltado para os preceitos que regem uma alfabetização de qualidade, compreendendo assim os fundamentos da prática pedagógica significativa diante a face da mesma. É necessário considerar que os processos de formação dos professores estão muitas vezes voltados para uma diversidade até então desconhecidas aos olhares das realidades ao qual estão inseridos.

Esta pesquisa foi realizada com a finalidade de discutir dentro de uma visão pedagógica sobre alfabetização e suas expectativas na formação docente, levando-se em considerações diversos aspectos: Alfabetização na concepção dos dias atuais; Alfabetização e letramento e os desafios encontrados ao se propor alfabetizar letrando; o estágio supervisionado como um dos caminhos a serem percorrido para uma boa formação e experiência docente.

Como resultado deste estudo, foi observado que no geral, o modo como o professor decide ministrar suas aulas está diretamente ligado ao nível de conhecimento que ele tem sobre determinado assunto, não só no que se refere ao conteúdo de ensino, mas das implicações sociais e políticas decorrentes desse conteúdo. Foi possível observar também que alfabetizar é realmente muito mais do que ensinar letras e sons, é dispor pensamentos, letras, sons, sentimentos, imaginação e sonhos ao alcance do aluno, principalmente aqueles da Educação infantil e dos anos iniciais do Ensino fundamental.

Conclui-se que, ainda há muito o que aprender, e desenvolver meios pedagógicos voltados em atender a demanda da alfabetização, e que, é imprescindível ter uma boa formação docente para que se possa fazer a diferença no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 3ª ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019. 59 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

_____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2000.

DALLA VALLE, Luciana de Luca. **Metodologia da alfabetização**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

DIANA, Diana. **Revisão**. Quadro de diferenciação entre alfabetização e letramento segundo Magda Soares. Disponível em < <https://www.diferenca.com/alfabetizacao-e-letramento/> > Acesso 08 jun. 2020.

FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas. 2002.

GOULART, Cecília M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. Bakhtiniana, **Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 35-51, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732014000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 jan. 2020.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, Eliana Alves Pereira et al. Alguns desafios e demandas da formação inicial de professores na contemporaneidade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 721-737, set. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000300721&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 jan. 2020.

MARTINS, Gilberto de A.; LINTZ, Alexandre. **Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas. 2000.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Alfabetização: propostas e práticas pedagógicas**. São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO, Rosemeire Selma. A linguística aplicada e o processo de letramento. **Revista de Letras**, v. 1, n. 21, 11. Disponível em <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2161>>. Acesso em 18 mai. 2020.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento**. Construir notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **L. S. Vygotsky: algumas ideias sobre desenvolvimento e jogo infantil**. São Paulo: FDE, 1994, p. 43-46. (Ideias, 2).

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar – 1978 – Tradução: Álvaro Cabral e Christiana Monteiro Oiticica.

SEBRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 28, n. 87, p.306-320, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 24 jan. 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas. 1998.

VISCONTI, Maria Cristina; JUNQUEIRA, Zilda A. **Escrita**: das paredes ao computador. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. b

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009.